

Artigo

***O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório: Marcas da Violência e do Racismo Estrutural**

O Averso da Pele, by Jeferson Tenório: Traces of Violence and Structural Racism

Alex Rezende Heleno^I , Kamilla Oliveira de Souza Alencar^{II} 

^IInstituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, Juiz de Fora, MG, Brasil

^{II}Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade ampliar os conhecimentos sobre literatura e racismo estrutural a partir da leitura e análise de *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório, obra que sofreu tentativas recentes de censura nos Estados do Paraná, de Goiás e do Mato Grosso do Sul. O racismo estrutural, ponto chave da obra literária, será analisado com base, sobretudo, nos estudos de Humberto Bersani, Dennis de Oliveira e Djamila Ribeiro, que trazem considerações importantes acerca da história colonial e escravocrata brasileira e de seus reflexos no presente. Ao final do trabalho, espera-se contribuir com uma reflexão necessária sobre o racismo estrutural na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Censura; Racismo Estrutural; Luta Antirracista

ABSTRACT

The objective of this study is to expand our understanding of literature and structural racism through a close reading and analysis of *O Averso da Pele*, a work recently censored in the states of Paraná, Goiás, and Mato Grosso do Sul. Structural racism, a key point of the literary work, will be analyzed based on the studies of Humberto Bersani, Dennis de Oliveira and Djamila Ribeiro, which bring important considerations about Brazilian colonial and slave history and its effects on the present. At the end of the work, we hope to contribute to a necessary reflection on structural racism in Brazilian society.

Keywords: Censorship; Structural Racism; Anti-racism Fight

1 INTRODUÇÃO

O artigo “Literatura e censura: do passado ao presente” (Reis; Heleno, 2023) realiza uma análise acerca da censura em diferentes momentos da história: na Inquisição, no nazismo e no fascismo e, mais especificamente, no contexto brasileiro, durante a ditadura militar, mostrando como esse passado ainda tem reflexos no presente. O trabalho, acima indicado, aborda a tentativa de censura realizada pelo governo de Rondônia, em que houve a publicação de uma lista de livros, a serem recolhidos pelas escolas, contendo 43 títulos de grandes obras literárias e autores renomados da literatura brasileira e internacional.

Neste contexto, é preocupante que em pleno século XXI, após tantos episódios de censura que tanto mal fizeram à humanidade ao longo da história, ainda haja tentativas de censura às obras literárias. Logo, defender a literatura e condenar a censura é essencial na defesa da liberdade de escrita, de expressão e defesa da própria escola, ambiente plural de aprendizagens, de ensino, de pesquisa e de divulgação da cultura, do pensamento, da arte e do saber, para a garantia dos direitos assegurados pela Constituição Federal (Brasil, 1988).

Após esse episódio de 2020, outros episódios de tentativa de censura a obras literárias voltaram a acontecer. Dentre eles, a obra *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório, que enfrentou a censura em diferentes estados: Paraná, Goiás e Mato Grosso do Sul¹, cujos respectivos governadores se elegeram com base nas principais bandeiras do bolsonarismo: Deus, Pátria e Família. A obra foi vencedora do mais antigo e mais importante prêmio da literatura brasileira, o Prêmio Jabuti de romance literário, em 2021. Além disso, a obra faz parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), que objetiva a distribuição de material gratuito às escolas públicas.

¹ O assunto foi exposto por diferentes noticiários: “O Averso da Pele: livro que debate racismo é censurado em escolas de 3 estados por reação equivocada ao conteúdo, alertam especialistas”. (Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/08/o-avesso-da-pele-livro-que-debate-racismo-e-censurado-em-escolas-de-3-estados-por-reacao-equivocada-ao-conteudo-alertam-especialistas.ghtml>. Acesso em 14 mar. 2024); “A censura ao livro O avesso da pele”. (Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniaio/2024/03/6816460-a-censura-ao-livro-o-avesso-da-pele.html>. Acesso em 14 mar. 2024); “Governo do Paraná manda recolher o livro ‘O Averso da Pele’ das escolas estaduais”. (Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/governo-do-parana-manda-recolher-o-livro-o-avesso-da-pele-das-escolas-estaduais/>. Acesso em 14 mar. 2024); “Alvo de bolsonaristas, O Averso da Pele será recolhido de escolas no Paraná”. (Disponível em <https://educacao.uol.com.br/noticias/2024/03/05/livro-jeferson-tenorio-oficio.htm>. Acesso em 14 mar. 2024)

Neste sentido, a presente pesquisa será desenvolvida a partir da análise de *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório, ressaltando o estudo do racismo estrutural, tema que se evidencia na obra. Desse modo, o trabalho se justifica pela importância da literatura na construção de um pensamento crítico e reflexivo e na formação social e cidadã do indivíduo, sobretudo, nestes últimos anos em que se percebem retrocessos culturais, políticos, sociais, éticos e morais, principalmente, por parte dos governantes que se alinham com uma ideologia de extrema direita. Além disso, o estudo será oportuno para discutir o racismo estrutural, marcadamente presente na sociedade brasileira.

2 O RACISMO ESTRUTURAL

O racismo estrutural é um dos temas mais evidentes no livro e atravessa toda a narrativa. Consequentemente, censurar tal obra seria impossibilitar discussões em torno de uma temática constantemente negligenciada no Brasil. Trata-se de um silenciamento que se prolonga desde o início da colonização do país.

Para entendermos o racismo estrutural, precisamos observar a história brasileira desde a invasão dos portugueses aos territórios indígenas. A colonização se fundamentou no trabalho escravo que perdurou por cerca de 380 anos. Toda a economia da colônia estava vinculada à escravidão dos povos africanos, arrancados de seus territórios e, forçadamente, trazidos para o país.

Sob esse olhar, nota-se que o Brasil foi constituído pelo colonialismo e pelo pensamento escravocrata que classificava e categorizava pessoas negras e indígenas como subumanas e defendia a existência de uma superioridade da sociedade branca e eurocêntrica. Esse pensamento era utilizado como justificativa para a efetivação e a manutenção da escravidão.

Mesmo após o fim da escravidão e do colonialismo, o pensamento escravista continuou sendo reforçado e reproduzido pela elite branca que continuava no poder, o que se reflete ainda, hoje, nas relações políticas, econômicas e sociais. Conforme

Lacerda (2021) “A colonialidade ainda hoje persiste nas relações de poder que se consolidam na identificação dos povos segundo determinados padrões fenótipos e culturais estabelecidos e impostos pelo pensamento branco ocidental” (Lacerda, 2021, p. 200). As consequências dessa colonialidade inclui, também, o racismo estrutural.

Nos estudos de Bersani (2018), apresentam-se importantes reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. O autor busca verificar a perspectiva estrutural do racismo e o modo como a economia foi desenvolvida de forma a cristalizar a opressão escravocrata, “[...] desdobrando-se nas diversas faces pelas quais a marginalização social não apenas se consolidou, mas se reconfigura diariamente” (Bersani, 2018, p. 177). Essa reconfiguração se dá na relação de poder e objetiva manter os privilégios da elite brasileira.

Bersani (2018), ao analisar o modo de produção escravista no contexto brasileiro, aponta para o fato de ter havido uma “[...] relação intrínseca entre o capitalismo e o escravismo, bem como a influência da ideologia advinda do referido processo histórico, contribuindo com a construção do racismo no Brasil” (Bersani, 2018, p. 180). Significa que o desenvolvimento do capitalismo no país se fundamentou na escravidão e resultou na perpetuação do racismo.

Para o autor, o longo período descrito como Escravismo Pleno (período situado entre os anos 1550 e 1850), estabeleceu uma dinâmica social, econômica e política completamente centrada nas relações de produção escravista: “Tudo o que se conhecia na sociedade brasileira da época tinha como essencial o modo de produção estabelecido entre as classes vigentes: senhores e escravizados” (Bersani, 2018, p. 181). Essa formação social se tornou a base do racismo estrutural no Brasil.

Com a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, a elite buscou novas alternativas para se manter numa posição social privilegiada. Desse modo, as consequências da escravidão permanecem, tendo em vista, a contínua inferiorização da população negra:

O modo escravista retirou dos negros a sua ancestralidade, violentando toda uma população e subjugando-a aos interesses inerentes àquele modo de produção, de forma que acarretou à população a anulação de sua condição humana, mediante o esfacelamento das referências que trazia consigo em todas as dimensões, tais como a família, o território, a personalidade, o idioma, a religião e todo estigma criado em torno das práticas dela constantes, entre outras (Bersani, 2018, p. 183).

Veremos, adiante, a problematização dessas situações na obra *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório, ao mostrar como a violência da escravidão ainda produz consequências sobre a população negra e como a elite brasileira mantém seus privilégios por meio de um racismo estrutural.

De acordo com Bersani (2018), para compreender o racismo estrutural é preciso associá-lo ao capitalismo, fato que permite “[...] afirmar que o racismo está presente nas estruturas de opressão não apenas do próprio Estado, mas também de todas as relações constituídas a partir da ideologia socioeconômica que teve como fundamento o escravismo colonial [...]” (Bersani, 2018, p. 186). Dessa opressão, resultam a exclusão e a marginalização.

A abolição da escravização não foi, portanto, um ato de bondade do Estado ou o reconhecimento da violência cometida sobre a população negra por meio do trabalho escravo. Tratou-se de uma mudança necessária à modernização instaurada e já efetivada em outros países. Neste contexto, “O fato de não ter havido uma passagem, mas sim a substituição abrupta do trabalho escravo pelo trabalho livre, com o prestígio conferido à força de trabalho imigrante, reforça ainda mais a exclusão social a ser enfrentada pelos africanos e seus descendentes” (Bersani, 2018, p. 189).

Após a abolição da escravização não houve qualquer indenização, ressarcimento ou políticas públicas que garantissem que essas pessoas fossem inseridas na sociedade de forma digna e com as mínimas condições de moradia e sobrevivência (Bersani, 2018). Por conseguinte, como resultado dessa falta de

política, a população negra foi se tornando cada vez mais marginalizada e discriminada, reforçando o racismo em suas diferentes formas.

Percebe-se, portanto, que o racismo estrutural constituído ao longo da história apresenta seus reflexos nas ações do Estado, que “[...] age sobre o racismo quer pela sua presença, mediante leis, políticas segregacionistas e de higienização, entre outras medidas, quer pela sua ausência, pois não enfrentou a questão racial em seu cerne, enraizada no país desde o período colonial” (Bersani, 2018, p. 192). A ausência do Estado reforça a desigualdade presente na sociedade brasileira.

O autor, após as considerações históricas sobre a escravidão no Brasil, nas perspectivas políticas, econômicas, sociais e culturais, apresenta a seguinte definição para o racismo estrutural:

O racismo estrutural corresponde a um sistema de opressão cuja ação transcende a mera formatação das instituições, eis que perpassa desde a apreensão estética até todo e qualquer espaço nos âmbitos público e privado, haja vista ser estruturante das relações sociais e, portanto, estar na configuração da sociedade, sendo por ela naturalizado. Por corresponder a uma estrutura, é fundamental destacar que o racismo não está apenas no plano da consciência – a estrutura é intrínseca ao inconsciente. *Ele transcende o âmbito institucional, pois está na essência da sociedade e, assim, é apropriado para manter, reproduzir e recriar desigualdades e privilégios, revelando-se como mecanismo colocado para perpetuar o atual estado das coisas* (Bersani, 2018, p. 193, destaque nosso).

Compreender o racismo enquanto estrutura demonstra, por um lado, os desafios no combate ao racismo que vai do inconsciente individual e coletivo, tornando-se naturalizado, transcende o institucional e insere-se na essência da sociedade; por outro lado, aponta, igualmente, que para combater o racismo que se perpetua na sociedade é preciso agir justamente sobre essa estrutura que tem se consolidado no país.

Os estudos de Dennis de Oliveira (2021), também, trazem importantes considerações acerca do racismo estrutural. O autor faz referências a diferentes concepções de racismo: o racismo individual que estaria associado a questões

patológicas, decorrente de preconceitos internalizados; o racismo institucional, no qual as instituições atuam para manter privilégios para determinados grupos sociais e desvantagens para outros grupos, normalizando atos preconceituosos e racistas, por meio das relações de poder; por fim, o racismo estrutural que está ligado à formação social do Brasil, como demonstra a subalternização da população negra, seja pela ausência de direitos, seja pela violência cultural ou por meio das instituições, principalmente, aquelas ligadas às forças de segurança.

Desse modo, conceituar o racismo institucional foi um avanço para os estudos das relações raciais ao observar que o racismo vai além da ação do indivíduo e ao apontar para a dimensão do poder nas relações raciais, não apenas no que se refere ao poder de um indivíduo de uma raça sobre outro indivíduo, como também, à relação de poder de um grupo sobre outro, situação que acontece muitas vezes sob o aparato das instituições.

Nesta linha de pensamento, Oliveira (2021) considera que compreender o racismo simplesmente como atitude do indivíduo pode fazer acreditar que educação ou normas punitivas seriam suficientes para combatê-lo. O autor critica, também, a compreensão do racismo como apenas institucional, o que poderia fazer crer que uma reforma das instituições possibilitaria uma maior presença de pessoas negras nos quadros institucionais e seria suficiente para superar o racismo. Destarte, é preciso compreender que o racismo é estrutural, concebendo-o “[...] como produto de uma estrutura sócio-histórica de produção e reprodução de riquezas. Portanto, é na base material das sociedades que se devem buscar os fundamentos do racismo estrutural” (Oliveira, 2021, p. 65).

Sendo assim, para Oliveira (2021), as lutas e conquistas do movimento negro são importantes, contudo, tais lutas não devem se fechar em si mesmas. É preciso que os movimentos estejam articulados em torno do enfrentamento ao capitalismo, considerando o racismo dentro de uma estrutura de classes que vai desde a colonização, com a violência da escravização, até a fase atual do capitalismo.

A filósofa e escritora Djamila Ribeiro, também, traz importantes considerações acerca do racismo estrutural. Para a filósofa é preciso:

Olhar a história do Brasil desde a escravização até a falta de inclusão das populações negras. Entender que foram criados mecanismos legais para afastar pessoas negras de possibilidades de emancipação social. São vários os exemplos: a **Constituição Federal de 1824** vedava o acesso de pessoas negras à educação, a **Lei de Terras de 1850** condicionava o acesso a terras à compra e venda, e naquele contexto nenhuma pessoa escravizada estava apta a possuir uma propriedade, entre tantas leis de escravização (Ribeiro, 2020, n.p., destaque da autora).

Em vista disso, conhecer esse passado ajuda a compreender a desigualdade social, econômica e política que afeta com mais intensidade a população negra, no Brasil. Observa-se que foram implementados mecanismos institucionais que se refletem, ainda hoje, na vida dessa população.

Djamila Ribeiro considera que o fim da escravidão não trouxe possibilidades emancipatórias para a população negra. E pior, “[...] houve um processo de criminalização de pessoas negras, sobretudo homens, alvos de leis como a vadiagem, que determinava a prisão de pessoas “sem ocupação”, numa época de alto desemprego para os homens negros” (Ribeiro, 2020, n.p.). Em consequência, percebe-se como os resquícios destas políticas e deste racismo são perceptíveis na obra de Tenório, quando o autor evidencia que o negro é sempre alvo das abordagens policiais e é constantemente visto como suspeito, além de estar, muitas vezes, associado à vagabundagem.

Outra informação destacada por Ribeiro está relacionada às mulheres negras, que também sofrem fortemente com o racismo estrutural e com a subalternização econômica, social e política. Como herança colonial, as mulheres negras foram destinadas ao trabalho doméstico: “[...] estima-se que mais de **6 milhões de mulheres negras são empregadas** [domésticas] no país, e a lei que regulamenta a profissão

somente foi aprovada em 2013, sob intensos protestos do sistema que se beneficiou historicamente desse trabalho” (Ribeiro, 2020, n.p.).

Segundo Ribeiro, “[...] o racismo estrutura as relações raciais no Brasil. Uma estrutura presente antes mesmo de nós termos nascidos. [...] Ou seja, o racismo estrutura a sociedade e, assim sendo, está em todo lugar” (Ribeiro, 2020, s/p.). Reconhecer o racismo presente em todo lugar, como se vê cotidianamente nos noticiários, nos discursos racistas de alguns políticos, na ocupação de postos de trabalho, no serviço público, nas carreiras políticas e no judiciário etc. é possibilitar, também, a luta antirracista. Ou seja, é preciso repensar a estrutura social para que se combata definitivamente o racismo.

O fato de o racismo ser estrutural e estruturante, de acordo com Borges e Melo, somado à narrativa imaginária que considera o Brasil uma democracia racial, levou a uma produção escassa “[...] a respeito da rejeição à ocupação de posições de destaque por pessoas negras” (Borges; Melo, 2019, p. 3). De acordo com os autores, manifestações racistas aconteceram ao longo da história e continuam acontecendo, ganhando espaço, nos últimos anos, ao serem apoiadas em discursos de políticos igualmente racistas que reforçam a violência institucional por meio da ação das forças policiais.

Feitas essas considerações sobre o racismo estrutural, analisaremos a obra de Jeferson Tenório, *O Averso da Pele*, que se constrói em torno dessa temática, apontando como o racismo se naturalizou nas práticas sociais e nas instituições. O livro apresenta quatro partes: A pele, O avesso, De volta a São Peterburgo e A barca. Em cada uma destas partes podemos identificar o racismo como estrutura social, a serem destacadas na sequência desta análise. A narrativa é apresentada em primeira pessoa por meio do personagem de nome Pedro. É ele quem descreve a trajetória do pai, Henrique, desde a infância até o evento fatal causado pelo racismo estrutural e materializado na violência institucional, mais especificamente, na violência policial. Pedro nos conta, além disso, um pouco da história de sua mãe que também sofreu preconceito racial.

No início do romance já somos impactados com o racismo escancarado e motivado pela cor do personagem. Percebe-se que, ao longo do romance, a cor coloca Henrique sempre como suspeito, principalmente, por parte da polícia. A passagem inicial narra uma das memórias do pai quando foi erroneamente algemado e levado para a delegacia como um bandido, após ser confundido pelos agressores:

O sargento passou entre vocês e gritou para levantarem o *braço mais alto, porra*, que jurar a bandeira era uma coisa séria e que quem não fizesse direito ia passar a noite numa cela do quartel. Quando ele diz isso, você lembra que um dia já tinha sido algemado como um bandido. Isso aos catorze anos, quando você estava num ponto esperando o ônibus, em Copacabana, para ir embora encontrar seu padrasto. Foi então que um ônibus parou e dele desceram alguns moleques que apontaram para você dizendo: *foi ele, foi ele*. Você não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo e num impulso decidiu correr [...]. Um deles te achou e te apontou [...]. Socos e chutes na cabeça, na barriga e no rosto, até você começar a sentir o gosto enjoativo do sangue... Você foi levado algemado para uma delegacia... Ao seu redor, pessoas te xingavam e te chamavam de ladrão e ainda diziam que daquela você não escaparia. Somente na delegacia as coisas foram esclarecidas: você havia sido confundido com um bandido... E ser confundido com um bandido vai fazer parte da sua trajetória. E você vai custar a compreender porque essas coisas acontecem (Tenório, 2020, pp. 18-19, *itálico na obra*).

Essa passagem inicial já aponta como a questão racial, a cor da pele, fará parte da vida do personagem, mesmo que naquele momento ele ainda não consiga refletir sobre as motivações acerca da violência sofrida.

O que se pode perceber é a imposição de uma “branquitude”, cujo objetivo é a sobreposição de uma raça sobre a outra. Além disso, as consequências dessa imposição é o despertencimento, a falta de reconhecimento da própria raça, da própria cor, o que faz com que uma parte da população negra assuma posicionamentos típicos da branquitude eurocêntrica. Oliveira explica esse racismo a partir de uma contextualização histórica:

Para tanto, partimos do pressuposto de que o racismo como conhecemos hoje é produto de uma tipologia de classificação racial consolidada principalmente no século XVI como instrumento do projeto eurocentrista. [...] O eurocentrismo é uma narrativa ideológica que simplifica o processo civilizatório das tradições helênicas até o Renascimento e é com base nisso que se estabelece um padrão normativo racional que sustenta a hegemonia da ‘branquitude’. Esta branquitude normativa que se posiciona como centro hegemônico de uma ideologia de classificação racial que se expressa, primeiramente, na vertente metafísica/religiosa (brancos cristãos e demais etnias não cristãs); passando pela ‘racional-científica’ (teorias da eugenia, darwinismo social) e depois cristalizada a partir dos sentidos civilizatórios (povos desenvolvidos e não desenvolvidos) (Oliveira, 2021, pp. 66-67).

Percebe-se, a partir do excerto, como essa ideologia ainda afeta as relações sociais no Brasil. Os casos de racismo que envolvem a cor, as crenças e as falsas teorias científicas são uma constante na sociedade.

Em *O Avesso da Pele* há, também, menção a essas falsas teorias científicas, que objetivavam justificar a escravização e a submissão dos povos africanos. Tais teorias, embora comprovadamente incorretas, ainda fazem parte da ideologia da “branquitude” e podem ser percebidas nas atitudes racistas. Fatos que apontam para o racismo estrutural, constituído ao longo da história e com reflexos perversos no presente, como se pode perceber no trecho a seguir:

Oliveira anota mais um nome no quadro e diz para jamais esquecerem dele: *Arthur de Gobineau, o pais do racismo*, ele completa. *Foi este sujeito aqui quem aproximou o conceito de raça do discurso político. Não esqueçam dele*, ele repetiu. *Foi Arthur de Gobineau quem afirmou que as raças protagonizaram as lutas pelo poder e que, portanto, haveria raças inferiores e raças superiores. Depois dele, outros estudiosos da raça vieram e agregaram mais valores científicos para comprovar que os negros pertenciam a uma raça menor* (Tenório, 2020, pp. 33-34, *italico na obra*).

A obra literária aponta, na sequência, para o fato de que “[...] a comprovação daquelas teorias era completamente arbitrária. Eram teorias que serviam apenas para fortalecer e sustentar o discurso racista da escravidão” (Tenório, 2020, p. 34). No entanto, a ideologia que sustenta a existência de raças superiores e inferiores, colocando os negros como pertencentes a uma raça menor ainda faz parte dos discursos racistas.

Em o *Averso da Pele* os relatos do personagem, sobre os episódios de racismo sofrido ao longo de sua vida, podem impactar o leitor pela frieza e crueldade do racismo escancarado. Entretanto, não se pode esquecer que a narrativa aponta para algo recorrente na sociedade:

Ele se chamava Bruno Fragoso [...]. Ele te fez esperar por quarenta minutos, porque queria parecer ocupado e importante, no entanto, anos mais tarde, você descobriria que ele, na verdade, ficava na frente do computador jogando paciência ou vendo pornografia [...]. Você tinha dezenove anos, mas ainda não sabia muita coisa sobre autoestima, nem sobre se valorizar e essas coisas necessárias para manter a sanidade [...]. Bruno percebeu isso [...]. Você era uma presa fácil. Assim, com total domínio da situação, Bruno disse, com muita naturalidade, que não gostava de negros. Você levantou os olhos. Bruno não se intimidou e repetiu a frase: *não gosto de negros* [...]. Na época, você nem sabia bem o que significava ser negro. Não havia discutido nada sobre racismo, nada sobre negritude, nada sobre nada (Tenório, 2020, p. 20, itálico na obra).

A passagem mostra o racismo manifesto, escancaradamente, por parte do personagem Bruno Fragoso que se utiliza da ideologia da superioridade e, claramente, da impunidade, tendo em vista que sabia que não seria questionado sobre sua atitude, já que Henrique precisava do trabalho. Além disso, percebe-se, no trecho acima, como são recentes as lutas antirracistas e os resultados das lutas dos movimentos negros para garantia dos direitos básicos dessa população, tais como o direito à igualdade. Ainda, assim, de acordo com Ribeiro “É uma construção supremacista histórica [...]”. Está na escola, nas famílias, no discurso midiático, em todo lugar. Então muitas

peessoas negras não sabem que são negras, não têm sequer condições materiais para formular algo nesse sentido. (Ribeiro, 2020, n.p.). Uma maior visibilidade das lutas antirracistas só foi alcançada com muitos enfrentamentos e com a possibilidade de garantir o reconhecimento da própria cor, da própria história, que sofrem tentativas de apagamento e silenciamento todo o tempo.

Os estereótipos vinculados à pessoa negra, configurando um racismo estruturado na sociedade e, evidenciado em diferentes perspectivas, sejam elas individuais, coletivas ou institucionais, mostram como há, ainda, uma normalização de atitudes racistas. A passagem a seguir aponta para essa evidência: “Bruno seguiu com a entrevista, disse que ia te dar uma chance, porque achava que podia te salvar das drogas, mesmo que você nunca tivesse experimentado drogas. Ele também queria te salvar das armas e da violência” (Tenório, 2020, p. 21).

Esse discurso racista de que todo negro está envolvido com drogas ou tem tendência a se envolver, ou, ainda, que se envolverá com o tráfico, com o uso de armas e causará a violência, mostra a tentativa de normalizar o preconceito e a inferiorização do negro. Outros episódios da obra mostram discursos preconceituosos que fazem parte dessa tentativa de normalizar o racismo, criando estereótipos para a população negra:

Foi com Juliana que você começou a desconfiar da sua situação como homem negro no sul do país. Foi caminhando de mãos dadas com ela, pela rua da Praia, no centro de Porto Alegre, que você começou a notar os olhares, às vezes acompanhados de piadas racistas. [...] *uma branquinha daquelas com um neguinho desses, ha ha, não, não podia ser.* [...] Vocês até chegaram a achar que o racismo não tinha nada a ver com o amor. O afeto transcende a cor da pele, vocês pensavam (Tenório, 2020, p. 28, *italico na obra*).

O texto literário mostra como o racismo traz reflexos para a vida do personagem e como isso se reflete em todas as suas relações sociais. Mas, aponta, também, para a importância de se reconhecer como negro “[...] você conheceu o professor Oliveira.

Será com ele que você tomará consciência de si e do mundo branco em que está inserido [...] você não compreendia que a sociedade se importava mais com a sua cor do que com o seu caráter” (Tenório, 2020, p. 29). Esse reconhecimento da própria cor, do racismo normalizado em piadas e “brincadeiras”, da tentativa de normalizar e centralizar o “mundo branco”, coloca o personagem em uma luta interna e externa, fazendo-o questionar discursos e atitudes racistas.

As brincadeiras racistas e o estereótipo da sexualidade negra aparecem em *O Averso da Pele*, mostrando o processo de reconhecimento e questionamento diante de tais atitudes:

Acontece que, em pouco tempo, você passou a ser não só o negão da família, como também passou a ser uma espécie de para-raios de todas as imagens estereotipadas sobre os negros: pois disseram que você era mais resistente à dor, disseram que a pele negra custa a envelhecer, que você deveria saber sambar, que deveria gostar de pagode, que devia jogar bem futebol, que os negros são bons no atletismo. [...] Enquanto isso, a Juliana, por sua vez, era bombardeada pelas primas e amigas que nunca tiveram um namorado negro: *e então, como ele é? Tem pegada mesmo, como dizem dos negros? E o pau dele? E grande mesmo? É verdade que eles são insaciáveis? Qual o cheiro dele?* Juliana ficava incomodada mesmo querendo parecer natural. [...] Em poucos meses vocês perceberam que a cor da pele era algo importante e que não poderia mais ser ignorado no relacionamento de vocês (Tenório, 2020, pp. 29-30, *italico na obra*).

A passagem acima mostra vários preconceitos associados à população negra. O racismo, como se vê, está na estrutura da sociedade, tendo em vista que são estereótipos presentes nos discursos sociais. Além disso, discursos, tais como “o negão da família”, funcionam como uma “autorização” para que brancos possam ter a liberdade de serem racistas com a “permissão” do próprio negro, já que ele faz parte da família e, portanto, não deveria se ofender com tais “brincadeiras” e “piadas”, como se observa nesta outra passagem: “A intimidade com o negão da família aumentou.

As piadas sobre negros agora eram contadas sem nenhum pudor. Eles te tornaram cúmplice” (Tenório, 2020, p. 31).

No desenrolar da narrativa outras situações cotidianas de preconceito são relatadas pelo personagem. O texto literário aborda, por exemplo, a diferença de tratamento recebido quando entrava em uma loja sozinho e quando estava acompanhado de uma mulher branca e aponta para a influência de estereótipos sexuais no relacionamento dos personagens demonstrando que até mesmo a sexualidade é racializada.

O reconhecimento da cor leva, também, ao reconhecimento da existência do racismo: “Nunca se questionou por que era pobre, nunca questionou por que vivia sem pai. Nunca se perguntou por que a polícia o abordava com tanta frequência. A vida simplesmente acontecia e você simplesmente passava por ela” (Tenório, 2020, pp. 32-33). A normalização do racismo e o silenciamento impostos pela sociedade fazem, muitas vezes, com que o próprio negro normalize tais atitudes.

Desse reconhecimento, surgem questionamentos sobre as motivações para o racismo e isso leva a uma nova tentativa de apagamento, quando a questão é tratada como se fosse incabível ou irrelevante ou exagerada “*Eles [os tios da namorada do personagem] não são racistas, só não estudaram o que você estudou*. Mas, quando vocês estavam no ônibus, voltando para Porto Alegre, Juliana disse que estava triste com seu jeito, que você tinha mudado e que já não sabia brincar” (Tenório, 2020, p. 35, *itálico na obra, destaque nosso*).

Embora o foco da obra esteja no personagem masculino e no racismo sofrido por ele, há em alguns momentos da narrativa situações de racismo sofrido pelas personagens femininas, como é o caso dos relatos da mãe de Pedro:

Madalena achou que era pouco, e completou dizendo que a cor dela não significava nada. Que *cada pessoa é uma pessoa e nunca deixe que te diminuam por que você é negra*, ela disse. Minha mãe, a princípio, não entendeu porque ela falara aquilo com tanta ênfase e passou dias pensando naquela palavra:

“negra”. Antes, ela era Martha ou Martinha. Agora, depois de uma simples pergunta, ela passar a ser Martha e negra. A pele fora nomeada, a existência ganhara sobrenome (Tenório, 2020, p. 54, itálico na obra, sublinhado nosso).

Verifica-se, novamente, como reconhecer a cor da pele e o fato de se reconhecer negro ou negra mudam a situação dos personagens que passam a ter uma visão diferente sobre si mesmos e sobre as situações de racismo que antes eram invisibilizadas ou mesmo normalizadas.

Em consequência dessa ressignificação, o reconhecimento da cor se torna mais um desafio para os personagens negros, porque agora precisarão lidar com o racismo cotidiano e escancarado, racismo antes ignorado, normalizado ou apagado por esse processo histórico que levou ao racismo estrutural. A herança das vivências do racismo, também, é algo que se apresenta na obra, como acontece em algumas conversas de Henrique com Pedro, mesmo que este não entendesse as situações por ser, ainda, muito novo. É como se Henrique já alertasse Pedro para os desafios de ser negro no Brasil:

[...] agora eu sei que você estava me preparando. Você sempre dizia que os negros tinham de lutar, pois o mundo branco havia nos tirado quase tudo e que pensar era o que nos restava. É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos. [...] Eu era pequeno e talvez não tenha compreendido bem o que você queria dizer, mas, a julgar pela água nos seus olhos, me pareceu importante (Tenório, 2020, p. 61, itálico na obra, sublinhado nosso).

A passagem acima é significativa na obra, pois revela como a questão racial atravessa a vida da população negra e como é preciso preservar os afetos, preservar a

própria vida, a sanidade, diante do reconhecimento do racismo estrutural. Em outros momentos, o personagem se dá conta de que há atitudes assumidas inconscientemente por razões ligadas à cor e ao racismo que torna a pessoas negra uma vítima constante da violência:

Que seu receio de falar, seu receio de se expor, pudesse ter a ver com as orientações que você recebeu desde a infância: *não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha sempre um emprego.* Tudo isso passara anos reverberando em você. Como uma espécie de mantra. Um manual de sobrevivência (Tenório, 2020, p. 88, itálico na obra, sublinhado nosso).

A narrativa traz reflexões sobre o movimento negro e sua importância, mas que ainda precisa avançar nas lutas e no reconhecimento da diversidade de situações e vivências no contexto da própria população negra e, sobretudo, no reconhecimento das violências racistas sofridas diferentemente por homens e mulheres. Mais uma vez se percebe que mesmo na população negra, há aqueles que aceitam/assumem o discurso da “branquitude”, de achar que se está exagerando ou vendo racismo em tudo, ou que as dificuldades enfrentadas pelos negros e negras se devem a eles mesmos: “E minha mãe dizia que você era dramático e até quando a gente vai ficar se lamentando? A vida é assim, Henrique, lide com isso. Temos que olhar para a frente” (Tenório, 2020, p. 76).

O comportamento, acima descrito, vai ao encontro do prefácio de Lewis R. Gordon para a obra de Franz Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*: “Com efeito, a exigência de ser indiferente à cor significava dar suporte a uma cor específica: o branco” (Fanon, 2008, p. 14). Ao ignorar a própria cor, a população negra se vê como parte e como alvo do racismo estrutural.

Diante desse contexto, o movimento negro também é questionado por sua atuação, tendo em vista que muitas vezes ignora as diferentes perspectivas do racismo estrutural e as diferenças da própria população negra no país:

O movimento negro nunca fez nada por mim. O movimento negro acha que tudo se resume à cor da pele. Se esquecem que ser um homem negro é diferente de ser uma mulher negra. [...] Além disso, eu queria saber onde o movimento negro estava quando me assediavam na praia quando eu tinha treze anos. Onde o movimento negro estava quando não impediu que minha mãe morresse bêbada na rua. Minha mãe bebia para se proteger da realidade. Ela era uma mulher negra, na década de oitenta, com quatro filhos para criar. Era o mundo contra ela e contra nós. Ela era uma presa fácil, entende? Porque a gente, às vezes, cansa de suportar. [...] Eu não quero dizer que essa história de negritude não tenha importância, não é isso, mas esse tipo de movimento coloca todos nós no mesmo balaio. Os negros são diferentes. Nós não somos iguais. Você a ouvia e pensava que talvez minha mãe tivesse razão. Entretanto, você não podia concordar com tudo, pois *você achava que minha mãe estava individualizando uma questão que era, em sua raiz, um problema de ordem estrutural* (Tenório, 2020, p. 76, *itálico nosso*).

A passagem descreve as consequências sociais, econômicas e psicológicas vivenciadas pela população negra que ainda sofre com o apagamento das políticas públicas de reparação pelo longo período de escravização no Brasil. Percebe-se, também, que não cuidar do avesso da pele, da sanidade, da afetividade pode representar o fim da própria vida, como aconteceu com a mãe de Martha.

As experiências de racismo sofrida pela mãe de Pedro se apresentam em outras passagens da obra. Há o episódio em que Martha vai morar com o namorado na casa dos pais dele. Dona Maria, a sogra, trata Martha como se fosse empregada, claramente, por causa da cor de sua pele. Aqui, verificamos mais uma vez como a mulher negra é frequentemente associada a trabalhos domésticos. Ademais, nota-se outra forma de disfarçar o racismo e a exploração da pessoa negra, quando esta é tratada como “alguém da família”: *“Agora você é da família e isso significa que pode*

ajudar a manter a casa dos seus sogros limpa também. Uma moreninha forte igual a você pode ajudar bastante. E minha mãe respondeu que tudo bem, que ela se sentia mesmo da família [...]” (Tenório, 2020, p. 79, itálico na obra).

A associação da mulher negra à prostituição, à sexualidade exacerbada também é apontada na obra, quando Vítor faz acusações contra Martha sobre comportamentos sexuais “[...] *Aprendido a trepar como uma puta*, ele disse. *Porque nunca vi uma moça virgem gemer daquele jeito na cama, mexer daquele jeito, onde você aprendeu isso, sua piranha?*, ele perguntou com os olhos estalados. *Meu pai bem que me avisou que as pretas não prestam*” (Tenório, 2020, p. 100-101, itálico na obra). Além da violência verbal, a situação chegou à violência física, mostrando como a mulher negra é muitas vezes objetificada: “Ao ouvir isso, minha mãe levantou os olhos e disse que aquilo já era demais, disse que ia embora. Foi então que o Vítor segurou-a com força pelos cabelos. Minha mãe tentou se desvencilhar. E pela primeira vez minha mãe levou um tapa no rosto” (Tenório, 2020, p. 100-101, itálico na obra). Martha decidiu sair da casa da família de Vítor, mas precisou se mudar de cidade por causa das ameaças dele.

O texto aponta, além disso, para diferentes práticas sociais racistas que acontecem com frequência no Brasil. Mulheres negras são consideradas menos capazes, muitas vezes sexualizadas, contratadas com salários menores e em empregos menos valorizados e são vítimas de violências graves, fato que perpetua e acentua a subalternidade econômica, política, jurídica e social. Consequentemente, de acordo com Franz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas*:

[...] permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais. Só há complexo de inferioridade após um duplo processo: – inicialmente econômico; – em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade” (Fanon, 2008, p. 28).

Isso significa que é preciso se reconhecer negro e se reconhecer vítima constante do racismo estrutural, como se vê em *O Avesso da Pele*. É a partir desse reconhecimento

que se pode iniciar a luta antirracista e a luta pelos direitos à igualdade.

A obra de Jeferson Tenório dialoga diretamente com a obra de Franz Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*, e, por meios diferentes, apresentam os mesmos objetivos, como se pode notar a partir do excerto a seguir:

Em outras palavras, o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torna-lo capaz de *escolher* a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais. (Fanon, 2008, p. 96, *italico na obra*)

Ambas as obras pretendem evidenciar a importância do reconhecimento sobre a própria cor e evidenciar a verdadeira origem do conflito racial: a própria estrutura social edificada sobre o racismo estrutural.

A partir do exposto, verifica-se que a luta antirracista deve alcançar toda a sociedade para que se reconheça o racismo estrutural e para que se possa combatê-lo. Os avanços alcançados pelo movimento negro devem ser ampliados e a luta deve continuar: “Mais e mais lideranças negras falam publicamente do problema, ocupando o espaço das redes sociais e pressionando as estruturas institucionais a modificarem posturas” (Oliveira, 2021, p. 14). A obra de Tenório representa, nesse sentido, uma luta contra o racismo estrutural ainda evidente na sociedade brasileira.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Averso da Pele, de Jeferson Tenório, é uma narrativa sob a voz do personagem Pedro, numa tentativa de recuperar as memórias do pai, Henrique. À medida que a narrativa se desenvolve, Pedro passa a conhecer a si mesmo e sua profunda ligação

com o pai, por meio do reconhecimento da cor. Pode-se concluir que o maior legado do pai de Pedro tenha sido mostrar-lhe a influência do racismo em suas vidas, numa tentativa de poder enfrentá-lo.

É uma obra literária que deve ser lida e discutida nas escolas, como uma forma de perceber como o racismo estrutural ainda prejudica a população negra. Qualquer tentativa de censura ao texto deve ser repudiada por todos. Impedir sua leitura seria mais uma forma de racismo, pois privaria os estudantes de conhecer e discutir sobre um tema tão necessário no combater à violência contra a população negra. Conforme a Academia Brasileira de Letras, “Não há razão para que, em pleno século XXI, livros sejam negados a alunos sob a desculpa de inadequação de linguagem” (ABL, 2024, n.p.).

O texto de Tenório pode ser definido com base na definição que Franz Fanon dá para o estudo desenvolvido em *Pele negra, máscaras brancas*, “[...] a literatura se engaja cada vez mais em sua única tarefa verdadeiramente atual, ou seja, levar a coletividade à reflexão e à meditação [...]” (Fanon, 2008, p. 157). Objetiva-se, pois, o reconhecimento da própria cor e a desalienação do negro para se colocar na luta contra o racismo.

O Averso da Pele é uma obra literária que remete a essa desalienação, ao expor a estrutura do racismo na sociedade brasileira, seja através da política, da economia, da cultura, reforçado muitas vezes pelo próprio Estado, que age violentamente sobre a população negra por meio das forças de segurança. Percebe-se, a partir da obra, que o racismo está enraizado no alicerce da sociedade e orienta as relações econômicas, políticas e culturais, interferindo diretamente nas relações dos sujeitos.

Do exposto, conclui-se que o enfrentamento ao racismo passa pelo reconhecimento do racismo estrutural e das diferentes formas de se lutar contra ele, nas esferas políticas, econômicas, culturais, sociais, educacionais, para que a normalização/naturalização existente seja definitivamente eliminada da sociedade, das práticas individuais e institucionais. Por fim, façamos a mesma prece de Fanon: “Minha última prece: Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!”

(Fanon, 2008, p. 191). Questionar a censura e questionar o racismo estrutural, no Brasil, deve ser uma atitude cotidiana e de todos.

REFERÊNCIAS

ABL condena censura a livro de Ziraldo. 24/06/2024. **ABL**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/noticias/abl-condena-censura-livro-de-ziraldo>. Acesso em 27 jun. 2024.

BERSANI, Humberto. APORTES TEÓRICOS E REFLEXÕES SOBRE O RACISMO ESTRUTURAL NO BRASIL. **Extraprensa**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 175 – 196, jan./jun. 2018.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; MELO, Glenda Cristina Valim de. Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e54727, 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 08 ago. 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

LACERDA, Nayara Ferreira. Pensamento racista no Brasil pós abolição: breve reflexão sobre racismo estrutural. **Mosaico**, vol. 13, N° 21, 2021.

MEC. **Nota Técnica** nº 80/2024/DAGE/SEB/SEB. 2024. Disponível em: <https://fiquemsabendo.com.br/educacao/veja-parecer-do-mec-que-avaliou-o-avesso-da-pele-para-o-programa-nacional-do-livro-obra-foi-alvo-de-censura-de-secretarias-estaduais>. Acesso em 05 ago. 2024.

NOTA de Repúdio. **ABL**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4QkUVpM8N2/>. Acesso em 05 ago. 2024.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. I. ed.. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

REIS, Brenda Rosa Vasconcelos dos; HELENO, Alex Rezende. Literatura e censura: do passado ao presente. **Frontería** / vol. 4/1 / p. 137-159/ago-dez. 2023. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/litcomparada/article/view/4519/3787>. Acesso em 05 ago. 2024.

RIBEIRO, Djamila. “O racismo estrutura a sociedade brasileira, está em todo lugar”. Entrevista com Djamila Ribeiro. **Instituto Humanitas Unisinos**, 26 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/605015-o-racismo-estrutura-a-sociedade-brasileira-esta-em-todo-lugar-entrevista-com-djamila-ribeiro>. Acesso em 15 set. 2024.

TENÓRIO, Jeferson. **O Averso da Pele**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Contribuição de Autoria

1 – Alex Rezende Heleno

Doutor em Letras/Estudos Literários, professor no Departamento Acadêmico de Educação do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IFSudesteMG).

Instituto Federal de Roraima (IFRR)

<https://orcid.org/0000-0002-7533-801X> • alexrezendeh@yahoo.com.br

Contribuição: Escrita – primeira redação, Escrita – revisão e edição.

2 – Kamilla Oliveira de Souza Alencar

Licencianda em Letras com Habilitação em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa e Espanhola.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima

<https://orcid.org/0009-0007-5109-2880> • kamilla.alencar2503@gmail.com

Contribuição: Escrita – primeira redação, Escrita – revisão e edição.

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

HELENO, A. R.; ALENCAR, K. O. DE S. O Averso da Pele, de Jeferson Tenório: Marcas da Violência e do Racismo Estrutural. **Literatura e Autoritarismo**, n. 44, e90815, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X90815>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/90815>. Acesso em: xx/xx/xxxx.